

PROTESTANTISMO: MISSÃO E INFLUÊNCIA NO BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO

 DOI: 10.5281/zenodo.7514377

Érico Tadeu Xavier

*Doutor em Teologia. Professor de Teologia no Seminário Adventista Latino
Americano (Ivatuba, PR). contato: etxacademico@gmail.com*

RESUMO

A Reforma Protestante do século XVI resultou no movimento conhecido como Protestantismo, que se espalhou por diversos países e alcançou o continente latino-americano. O objetivo deste trabalho é conhecer os propósitos missionários do Protestantismo para as regiões brasileira e latino-americana e quais as consequências positivas e negativas desse movimento no campo social e político dessas regiões. A análise histórica permite observar que o movimento de Reforma gerou igrejas que diferem do catolicismo por suas interpretações bíblicas e rejeição ao Papa de Roma. O protestantismo se norteia em princípios que buscaram uma renovação na igreja cristã, enfatizando a salvação pessoal por meio de Cristo e não pela igreja, combatendo o uso de imagens. No Brasil e na América Latina o Protestantismo se expandiu a partir de três vertentes principais: de imigração, de missão e dos movimentos pentecostais. Em seus primórdios, o protestantismo ganhou impulso tanto com a venda de Bíblias quanto com a alfabetização dos novos convertidos. A influência dos protestantes na sociedade brasileira e latino-americana pode ser percebida na educação, na assistência social, na política, na economia, entre outras esferas. Por meio da educação e da evangelização as igrejas protestantes históricas contribuíram para uma visão mais liberalista, o que resultou em influência para a democracia e a melhoria das condições de vida da população.

Palavras-chave: História. Influência. Protestantismo. Brasil. América Latina.

ABSTRACT

The Protestant Reformation of the 16th century resulted in the movement known as Protestantism, which spread to several countries and reached the Latin American continent. The objective of this work is to know the missionary purposes of Protestantism for the Brazilian and Latin American regions and the positive and negative consequences of this movement in the social and political field of these regions. The historical analysis allows us to observe that the Reformation movement generated churches that differ from Catholicism for their biblical interpretations and rejection of the Pope of Rome. Protestantism is guided by principles that sought a renewal in the Christian church, emphasizing personal salvation through Christ and not through the church, fighting the use of images. In Brazil and Latin America, Protestantism expanded from three main strands: immigration, mission and Pentecostal movements. In its early days, Protestantism gained momentum both with

the sale of Bibles and with the literacy of new converts. The influence of Protestants in Brazilian and Latin American society can be seen in education, social assistance, politics, the economy, among other spheres. Through education and evangelization, the historic Protestant churches contributed to a more liberalist vision, which resulted in an influence for democracy and the improvement of the population's living conditions.

Keywords: History. Influence. Protestantism. Brazil. Latin America.

1 INTRODUÇÃO

O Protestantismo é um ramo do Cristianismo que surgiu oficialmente na Europa, a partir da Reforma que alguns membros do clero católico promoveram, no século XVI, para contestar algumas ações que a Igreja Católica havia adotado e que, segundo eles, não condizia com os princípios do Cristianismo primordial ensinado por Jesus e pelos apóstolos.

Esse movimento cristão se expandiu pelo mundo, chegando às Américas e ao Brasil, onde considerou a região como um território a ser evangelizado, apesar da presença católica desde o seu descobrimento.

O objetivo deste trabalho é conhecer os propósitos missionários do Protestantismo para as regiões brasileira e latino-americana e quais as consequências positivas e negativas desse movimento no campo social e político dessas regiões.

2 O PROTESTANTISMO NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Para conhecer a trajetória missionária do Protestantismo no Brasil e na América Latina é importante analisar como surgiram os protestos que culminaram na Reforma aos ideais cristãos praticados pelo catolicismo e como esses reformadores deram continuidade ao processo de reforma, processo este que culminou em missões que alcançaram o território brasileiro e latino-americano, cuja influência sobre o Brasil e a América Latina é apresentada na sequência.

2.1 Origem e Expansão do Protestantismo

Os protestos contra a Igreja Católica Romana iniciaram antes mesmo de Martinho Lutero pregar suas 95 teses na porta da Catedral de Wittenberg. Os

primeiros reformadores foram os albingenses ou cátaros (puritanos) no ano 1170, exterminados pelas cruzadas, e os valdenses, que surgiram com Pedro Valdo, em 1170, o qual lia, explicava e distribuía as Escrituras ao povo. Apesar de perseguidos e expulsos da França, os valdenses se abrigaram nos vales do norte da Itália e ali ainda permanece uma pequena parte desse grupo de protestantes. Outros protestantes, como João Wyclif, na Inglaterra, morto em 1384, e João Huss, da Boêmia, martirizado em 1445, foram os precursores da Reforma (HURLBUT, 2002).

Esses e outros personagens contribuíram para que um movimento de reforma na Igreja fosse levado a cabo. Hurlbut (2002, p. 174) salienta a importância da Renascença, movimento europeu que tentou “despertar a Europa para um novo interesse pela literatura, pelas artes e pela ciência [...]”. Esse autor destaca a invenção da imprensa como um importante aliado da Reforma, um arauto descoberto por Gutenberg, em 1455, que facilitou a divulgação do conhecimento em geral, mas mais importante, o conhecimento da Bíblia que, antes da imprensa, era copiada a mão e custava, na Idade Média, o salário de um ano de um operário. Diz o autor que:

As pessoas que liam a Bíblia, prontamente se convenciam de que a igreja papal estava muito distanciada do ideal do Novo Testamento. Os novos ensinamentos dos Reformadores, logo que eram escritos, também eram logo publicados em livros e folhetos, e circulavam aos milhões em toda a Europa. (HURLBUT, 2002, p. 176).

A Reforma esteve ligada ao espírito nacionalista que surgiu na Europa também nessa época. Esse espírito nacionalista começou a arder, inicialmente, na Alemanha, no eleitorado da Saxônia, onde Martinho Lutero era monge e professor da Universidade de Wittenberg. Assim é que, após analisar e comparar a Bíblia com as doutrinas e costumes da Igreja Católica Romana, Lutero passou a refletir e questionar o caminho que a Igreja e o clero haviam tomado. No dia 31 de outubro de 1517, data historicamente aceita como o início da Reforma Protestante, “Martinho Lutero afixou na porta da Catedral de Wittenberg um pergaminho que continha noventa e cinco teses ou declarações, quase todas relacionadas com a venda de indulgências; porém em sua aplicação atacava a autoridade do Papa e do Sacerdócio” (HURLBUT, 2002, p. 177).

O movimento de Reforma alcançou diversos países e se espalhou pelo norte da Europa, a exemplo da Suíça, Dinamarca, Suécia, Noruega, alcançou a Inglaterra

e a Escócia e gerou diferentes igrejas criadas a partir das interpretações bíblicas e da rejeição ao Papa de Roma (HURLBUT, 2002).

Na França, a igreja católica romana possuía mais liberdade do que no resto da Europa. Por essa razão era menos sentida a necessidade de independência eclesiástica de Roma. O movimento religioso de protesto contra a Igreja Católica iniciou antes mesmo da Reforma na Alemanha. No ano de 1512, Jacques Lefevre escreveu e pregou a doutrina da "justificação pela fé". Dois partidos surgiram então na corte e entre o povo. Os reis que se sucediam no governo, apesar de nominalmente católicos romanos, alternadamente se colocavam ao lado de cada partido. Porém, o protestantismo sofreu um golpe quase mortal, no terrível massacre da noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572, quando quase todos os chefes protestantes e milhares de seus adeptos foram covardemente assassinados. A fé reformada enfrentou terrível perseguição, mas uma parte do povo francês continuou protestante. Apesar de pequeno em número, o protestantismo francês exerceu grande influência (HURLBUT, 2002, p. 184).

Sobre as consequências da Reforma Protestante, Silva comenta o seguinte:

Os questionamentos quanto ao significado do ser salvo pela fé e do viver pela fé foram elementos fundamentais para que houvesse uma mudança de comportamento dos cristãos no século XVI. Observa-se que a reavaliação de princípios e práticas cristãos e a reprodução em massa da Bíblia favoreceram uma série de quebra de paradigmas. A manifestação, que pode ter tido conotação política na verdade, movimentou espiritualmente a Alemanha, Itália, Inglaterra, Tchecoslováquia (atualmente dividida em República Tcheca e Eslováquia) e, praticamente toda a Europa. (SILVA, 2018, p. 8).

As igrejas que surgiram a partir da Reforma foram chamadas de "protestantes", termo derivado do protesto entregue na Dieta Imperial Alemã em Speyer, em 1529, por membros do clero e da sociedade da época que se uniram a Lutero e a reformadores para questionar as decisões da Igreja Católica Romana, em especial a questão da ordem de renovação religiosa e o afastamento da Palavra de Deus. Os protestantes questionavam: "Qual é a igreja verdadeira e santa?" afirmando que: "Não há nenhuma pregação ou doutrina segura senão aquela que permanece fiel à Palavra de Deus". Assim, no sentido mais amplo,

"Protestantismo" denomina todo o movimento dentro do cristianismo que se originou na reforma do século XVI e que mais tarde centrou-se nas principais tradições da igreja reformada – Luterana, Reformada

(Calvinista/Presbiteriana) e Anglicano-Episcopal (embora o anglicanismo alegue ser tanto católico quanto protestante) – em Speyer, 1529, com os primeiros dissidentes de uma imposição religiosa, e continuando com os batistas, metodistas, pentecostais, até as Igrejas Africanas independentes dos nossos dias. (ELWELL, 2009, p. 194).

A Reforma Protestante do século XVI se norteava a partir de alguns princípios fundamentais, os quais, segundo Elwell (2009, p. 195), eram os seguintes:

- *Soli Deo Gloria*: Só a Deus a Glória, não a homens. Justificava-se a sabedoria e o poder de Deus contra a usurpação papal e a religião feita por homens;
- *Soli Gratia*: Somente a Graça, o dom gratuito de Deus realizado pela morte e ressurreição salvíficas de Cristo. Remete à justificação pela fé pelos méritos de Cristo;
- *Sola Scriptura*: Somente a Escritura, a Palavra de Deus, é a única fonte de revelação cristã. A tradição pode auxiliar na interpretação da Bíblia, mas seu significado verdadeiro é seu sentido natural e não um significado alegórico.
- A Igreja como o Povo que crê em Deus, em Cristo: a assembleia de todos os crentes que pregam a pureza do Evangelho e administra os santos sacramentos conforme o Evangelho. Os sacramentos ordenados por Cristo são dois: o batismo e a ceia do Senhor;
- O sacerdócio de todos os crentes: os crentes tem liberdade de comparecerem diante de Deus em Cristo sem a necessidade de intermediários humanos. O pastor, ou pregador, não são superiores aos leigos em seu status espiritual, apenas diferem por sua função e nomeação;
- A santidade de todos os chamados ou vocações: reconhecimento de todas as formas de vocações divinas rejeitando as distinções medievais entre o secular e o sagrado. Para Lutero, aos olhos de Deus, não há um “sagrado ministério”, ninguém é superior.

Esses princípios protestantes revelam que os reformadores queriam uma renovação da Igreja que demonstrasse que: a Escritura é a única regra de fé; a religião deve ser racional e inteligente; a religião deve ser pessoal, entre Deus e o adorador e a Bíblia é o livro de orientação; a religião é espiritual e não formal, tendo na simplicidade do Evangelho o caráter transformador, e não nas formalidades e

cerimônias; os homens são justificados pela fé, pela vida interior e não por obras e observâncias externas; e a igreja deveria ser nacional, local, independente de uma igreja mundial (HURLBUT, 2002).

O princípio que afirma ser o sacerdócio estendido a todos os que crêem, sejam estes fazendeiros, operários, pais ou ministros, assim como o clérigo, tornou conhecido a todos que é possível chegar a Deus, ter acesso a Ele, diretamente, e não mediante uma ação ou intervenção humana (BOTELHO, 2005).

A ênfase protestante na salvação pessoal através de Cristo, e não pela Igreja, assim como, o combate ao uso de imagens, levou os luteranos a rejeitarem o culto de Maria e o celibato clerical. Juntamente com Lutero, João Calvino também se manifesta contrário ao sincretismo religioso e ensina a rejeitar imagens e a tradição litúrgica católica, baseando seus cultos na leitura da Bíblia e na pregação incentivando uma vida de trabalho e não de contemplação, como ensinava a Igreja Católica (KARNAL, 2010).

Historicamente tem sido relatada a falta de interesse em levar as novas descobertas da fé a outras partes do mundo. Porém, alguns historiadores, como Ekström (2001) e Bosch (2002, apud SILVA, 2018), afirmam que não se deve interpretar equivocadamente a visão missionária dos primeiros reformadores pois Lutero proveu o empreendimento missionário da igreja fornecendo as diretrizes e os princípios que os cristãos deveriam seguir. E, mesmo sendo poucos os empreendimentos missionários durante os dois primeiros séculos depois da Reforma (a saber, entre 1517 e 1717), algumas iniciativas se destacam entre os anabatistas, que desenvolveram um programa de expansão missionária importante.

Lutero restringiu o ofício eclesiástico a uma área geográfica, mas os anabatistas aceitaram a ideia de que os cristãos não deveriam se limitar a uma determinada área e viram as possibilidades de que tanto a Alemanha quanto os países vizinhos pudessem ser campos missionários para onde deveria ser levado o Evangelho, sem se limitar a paróquias e dioceses. Nesse sentido, Silva (2018, p. 9) escreve que “os reformadores não conseguiam imaginar uma expansão missionária em países onde não houvesse um governo protestante (luterano, reformado, etc.)”, por isso contavam com a colaboração das autoridades civis.

Nos primeiros dois séculos do protestantismo, os reformadores luteranos ainda mantiveram um vínculo Estado-Igreja que limitou a ação missionária, mas a influência dos anabatistas levou outros reformadores, como os pietistas e alguns expoentes da

Segunda Reforma e do puritanismo, a buscar uma expansão, o que veio a ocorrer no século XIX, derivado de exemplos de missionários como William Carey, da Inglaterra, conhecido como o “Pai das Missões Modernas”, missionário na Índia no final do século XVII, de David Brainerd, missionário entre os índios norte-americanos, em 1718, entre outros nomes. Ekström (2001, apud SILVA, 2018) considera a época de 1600 a 1800 como a era dos despertamentos missionários protestantes.

O período das Grandes Navegações é destacado por Ekström (2001) como de fundamental importância para a expansão missionária do Cristianismo. Porém, embora já tivesse ocorrido o movimento de Reforma, quem tirou maior proveito do descobrimento das novas terras foi a Igreja Católica, que conquistou muitas regiões na América, na África e na Ásia. Somente no período entre 1792 e 1914, conhecido como “O Grande Século Missionário”, as missões protestantes se fortaleceram. Segundo o autor, alguns fatos históricos importantes para isso foram a Revolução Francesa (1789), o advento do Iluminismo, a divulgação de religiões como o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo, bem como, a crescente industrialização.

A percepção da necessidade de expansão missionária levou à criação de diversas instituições protestantes que se estruturaram em sociedades missionárias, que reuniam igrejas e grupos, além de particulares que tinham como propósito selecionar, preparar e enviar missionários aos povos ainda não alcançados pelo Evangelho. Desse modo, o continente europeu enviou missionários ao continente americano. Silva (2018, p. 12) salienta que, esses missionários “foram verdadeiros desbravadores. O transculturalismo foi o elemento missiológico mais marcante deste período da história da Igreja”.

Dessa maneira, o protestantismo se fez presente em quase todas as regiões do mundo, com exceção de algumas áreas remotas e países onde o Cristianismo não se faz presente ainda hoje.

2.2 O Movimento Missionário Protestante no Brasil e na América Latina

No Brasil e na América Latina o Cristianismo se apresenta de forma diferenciada, influenciando e sendo influenciado pela cultura e religiosidade do povo, o que possibilita refletir também sobre como os métodos missionários protestantes influenciaram na propagação da Igreja cristã nessa região.

O protestantismo deixou o continente latino-americano praticamente esquecido, inicialmente. Zwetsch (2007, p. 27), comenta que até houve a presença protestante no Caribe, como os holandeses, ingleses, dinamarqueses, mas muitos não permaneceram, ficando algumas marcas protestantes de europeus que construíram igrejas no Suriname, na Guiana e nas Antilhas.

A expansão protestante no Brasil e na América Latina tem muito a ver com o desenvolvimento da Missiologia e o debate com outras ciências, como a Antropologia, que deram novos rumos aos empreendimentos missionários, voltados a considerar também os contextos culturais, sociais, enfim, relacionados com a vivência dos povos para onde se destinavam as obras missionárias, a exemplo dos países do Terceiro Mundo. Essas necessidades, conforme Ekström (2001, p. 76), “forçaram a adoção de novos métodos e a mudança de prioridades. Da mesma forma, a dificuldade de se entrar em algumas regiões do mundo criou novos tipos de estratégias e novas categorias de missionários”.

Apesar de o continente latino-americano ter a Igreja Católica como expoente maior do Cristianismo, e embora a América tenha sido descoberta ao mesmo tempo em que ocorreu a Reforma na Europa, o catolicismo continuou a agir em conformidade com o dogma papal e incentivou, no Brasil e na América Latina, algumas práticas, como a procissão de *Corpus Christi*, a leitura da Bíblia em latim e a interpretação limitada da Bíblia, práticas estas contrárias ao espírito da Reforma. Karnal (2010, p. 18) afirma que “o catolicismo implantado no Novo Mundo é uma religião de reação às reformas” e Zwetsch (2007, p. 27) complementa que, para o catolicismo brasileiro, ser “*luterano* era praticamente sinônimo de subversivo”.

O protestantismo trazido ao Novo Mundo propunha um modelo de vida eclesial, onde o Brasil e a América Latina eram considerados territórios a serem evangelizados, embora já contasse com a Igreja Católica e algumas tentativas de implantação protestante na região.

O início protestante na América Latina foi de conflitos e choques culturais, pois muitos missionários, imbuídos da ideologia do Destino Manifesto, acreditavam que a América latina era pagã, e que o catolicismo praticado aqui havia se afastado demais do cristianismo. Dois congressos foram feitos para decidir se a América latina devia continuar a ser tratada como um campo missionário pagão – o congresso de Edimburgo, em 1910, e congresso do Panamá, em 1916, em que se definiram o *status* cristão da América latina. (BELLOTTI, 2010, p. 61).

A entrada protestante no continente latino-americano teve três vertentes principais pelas quais se deu a expansão missionária: de imigração, de missão e dos movimentos pentecostais. De forma breve, comenta-se sobre essas vertentes.

O protestantismo de imigração na América Latina e no Caribe remonta ao período colonial, podendo-se identificar diferentes grupos tanto no território brasileiro como no latino-americano. Dentre estes, destacam-se, segundo Xavier (2011): a colônia luterana dos Welser, na Venezuela, entre 1528 e 1546; a colônia calvinista de huguenotes franceses no Rio de Janeiro, entre 1555 e 1567; a colônia de reformados holandeses, no século XVII, em Pernambuco, entre 1624 e 1654; colônias fundadas por ingleses, franceses e holandeses, nas Antilhas, nos séculos XVII e XVIII onde se praticavam cultos protestantes.

O protestantismo de imigração, em solo latino-americano, aproveitou a oportunidade que os países latino-americanos deram à importação de mão de obra estrangeira para exploração e agropecuária, com o fim da escravidão. Desse modo, os países passaram a ter uma visão mais liberal com relação à religião aceitando pessoas de diferentes nacionalidades e crenças. Um dos objetivos desses projetos migratórios era de garantir a hegemonia branca nas terras brasileiras e latino-americanas, composta de índios e negros. Imigrantes alemães (luteranos), holandeses (reformados), escoceses e anglicanos de primeira hora se fixaram em diferentes regiões da América Latina e do Brasil (XAVIER, 2011).

No final do século XIX, o movimento protestante de imigração trouxe o luteranismo ao Brasil, em especial nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. O protestantismo de imigração se estabeleceu, principalmente, na América do Sul, mas se dedicou exclusivamente aos colonos que vinham para trabalhar e formavam colônias étnicas, que precisavam de ministros religiosos que falassem sua língua e lhes atendessem as necessidades espirituais, mas a atuação destes não ocorria fora do âmbito das colônias (MONDRAGÓN, 2005).

Paralelamente, no início do século XX vieram outros missionários norte-americanos que fundaram as Igrejas Batista, Metodista, Presbiteriana, Congregacional, Episcopal, Adventista, que representam o protestantismo de missão clássico. Mondragón (2005, p. 54), explica que, “os missionários ‘profissionais’ puderam ingressar ao subcontinente só depois das guerras de independência latino-americanas e quando as condições políticas foram menos adversas”.

O protestantismo de missão, portanto, difere do de imigração pelo seu caráter formal, ligado a projetos de expansão elaborados, principalmente, por estados americanos. Esses projetos já chegaram ao Brasil e ao continente latino-americano consolidados, seguindo um roteiro europeu e americanizado, com um individualismo próprio do liberalismo e que não considerava as condições culturais dos povos do continente. Assim, seu processo de implantação e desenvolvimento não acompanhou as mudanças sociais e políticas e viriam a ocorrer na região. Sobre isso, Gonzáles e Orlandi (2010, p. 384), contribuem com a questão afirmando que o protestantismo de missão em território latino-americano se estabeleceu em um período em que o “poderio e prestígio espanhol” tinham já sido minados pelas constantes lutas dos povos por liberdade e, “entre 1810 e 1825, a Espanha perdeu quase a totalidade de suas colônias na América” por meio de declarações de independência, fruto de revoluções que ocorreram, em sua maioria, no século XIX.

Dentre os movimentos e acontecimentos missionários protestantes mais marcantes do século XX, destacados por Silva (2018), estão: a formação do Conselho Mundial de Missões, em 1961, estabelecido pelo Conselho Mundial de Igrejas; o Pacto de Lausanne, onde diversos missionários, missiólogos e líderes de igrejas e denominações firmaram compromissos missionais na Suíça, em 1974; e a formação da Aliança Evangélica Mundial em 1951.

No Brasil, o protestantismo se estabeleceu da seguinte maneira:

Este processo se deu através da instalação de missões americanas no Brasil [...]. O período de instalação destas missões coincide com a Guerra de Secessão Americana (1861-1865). Muitos missionários, que fugiram da guerra em sua pátria, vieram até o Brasil e implantaram missões americanas a convite do imperador Dom Pedro II. Concentraram-se em São Paulo e Rio de Janeiro, num primeiro momento. O grande problema destas missões era a interpretação dos brasileiros. Todos os brasileiros eram considerados pagãos e o evangelismo levava em conta a cultura americana, desprezando os interesses locais. Esta pregação “americanizada” mudou apenas quando os primeiros líderes brasileiros assumiram o papel de pregadores itinerantes, na segunda geração dos evangélicos em solo brasileiro. (MEDEIROS, 2016, p. 113).

Em meio a tantas mudanças sociais, econômicas e políticas, Mondragón (2005) ressalta as brigas internas que ocorriam entre os ramos católico e protestante, já que o catolicismo não queria perder espaço ou fiéis para os reformadores, mesmo sendo estes de cunho cristão, causando dificuldades para que os protestantes tivessem

autonomia e liberdade de culto. Ao lado desse ambiente hostil, o protestantismo tinha ainda em desfavor o fato de seus projetos missionários serem alheios à cultura latino-americana. Contudo, destaca o autor que os protestantes conseguiram definir sua identidade e resgatar seu passado histórico comprometendo-se com um evangelho diferenciado, adaptado ao contexto da região, e expandiram seus propósitos entre os povos brasileiro e latino-americano.

Quanto ao ramo pentecostal, a terceira vertente do protestantismo no Brasil e continente latino-americano, esta ocorreu a partir do início do século XX, mas se propagou como tal em meados dos anos 1950. Bellotti (2010) afirma que, se havia concorrência dos protestantes com os católicos para legitimar o Cristianismo nessa região, o crescimento dos pentecostais acirrou essa situação.

2.3 Envolvimento das Igrejas Protestantes no Campo Social e Educacional

Os reformadores protestantes tiveram, inicialmente, grandes dificuldades para adentrar o solo brasileiro e latino-americano, em razão de que havia o monopólio religioso católico, que procurou impedir a entrada de estrangeiros que não professassem a fé católica. Durante o período colonial foi adotado o Tribunal do Santo Ofício, instrumento utilizado pela igreja para extirpar práticas religiosas que pudessem ser caracterizadas como “heresia”. Por meio desse instrumento, todos os navios que chegavam aos portos brasileiros eram visitados por um frade que examinava cada imigrante quanto à sua consciência, fé e religião, sendo barrados os que não professavam a fé católica (PROENÇA, 2006).

A oposição entre católicos e protestantes, na América, define a identidade desses grupos, segundo Karnal (2010, p. 22), posto que essa oposição

[...] justifica a exacerbação de cultos e símbolos católicos rechaçados pelos protestantes, como a já citada procissão de *corpus christi* e o culto de Maria. A identidade católica na América passa a ser dada pelos inimigos da seguinte forma: ser católico tornou-se, cada vez mais, não ser protestante.

Inicialmente, as igrejas protestantes históricas tendiam a difundir uma religiosidade distante da realidade cultural brasileira e latino-americana, trazendo um discurso anticatólico e apresentando uma necessidade de conversão aos padrões americanos de protestantismo. Entretanto, com o passar do tempo, ficou claro que o

protestantismo foi se adaptando à cultura e necessidades do povo latino-americano e brasileiro. Bellotti (2010, p. 60) salienta que “ainda que o proselitismo e a demonstração pública de qualquer símbolo religioso não católico fossem proibidos, presbiterianos, metodistas, congregacionais e batistas fundaram escolas, jornais e igrejas”, contribuindo, desse modo, para a sociedade, produzindo mudanças no campo social, religioso, político e cultural.

Ainda no período colonial foi utilizada como estratégia de entrada no Brasil e na América Latina, onde havia barreiras legais ao protestantismo, a distribuição de Bíblias. A Sociedade Bíblica Americana estabeleceu uma agência no Rio de Janeiro, em 1854, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira também o fez em 1856. Em 1879 foi publicado o Novo Testamento de Almeida, em português e, em 1948, foi organizada a Sociedade Bíblica do Brasil, cuja finalidade era “dar a Bíblia à Pátria” como meio de evangelizar e educar o povo brasileiro no conhecimento da Palavra e da vontade de Deus (BORBA, 2009, p. 15).

A distribuição de Bíblias e de literatura bíblica era feita pelo trabalho de colportores, pessoas que se dispunham a levar o Evangelho mediante essa estratégia. A primeira versão da Bíblia em língua portuguesa foi feita por João Ferreira de Almeida, no século XVIII (PROENÇA, 2006).

A respeito da aceitação da literatura e da Bíblia entre os brasileiros, alguns historiadores afirmam que ocorreu grande perseguição dos católicos para que a Bíblia não fosse distribuída, já que “a distribuição da Bíblia e de porções dela havia sido proibida por decreto real e papal”. Porém, Zwetsch (2007, p. 31) salienta que, “mesmo sacerdotes e educadores católicos acolheram com simpatia este trabalho, sendo muitas vezes compradores e difusores dessa literatura evangélica”.

O crescimento protestante a partir dessa estratégia de levar a Bíblia às pessoas foi tal que muitas igrejas evangélicas se constituíram a partir da experiência de um leitor que compartilhou a Bíblia e a mensagem de salvação com seus familiares e vizinhos. Deiros (1992, apud ZWETSCH, 2007, p. 31) destaca esse trabalho como o responsável pela penetração missionária protestante e seu incremento, sobretudo, a partir da Segunda Guerra Mundial, já no século XX.

Assim, em seus primórdios, o protestantismo ganhou impulso tanto com a venda de Bíblias quanto com a alfabetização dos novos convertidos, já que não havia uma educação voltada para atender a todos. Para Ribeiro (2012, p. 22) a característica

principal do protestantismo no Brasil foi “tentar converter os indivíduos aos princípios da Bíblia e conduzir suas vidas rigidamente a partir desses princípios”.

A primeira igreja organizada no Brasil foi a Igreja Metodista, no Rio de Janeiro, fruto do trabalho de Daniel Kidder, que chegou ao Brasil como missionário em 1837 distribuindo Bíblias. A partir da segunda metade do século XIX, missionários norte-americanos começaram a organizar as primeiras igrejas reformadas, porém, com características denominacionais notadamente norte-americanas, segundo suas diferenças de origem (a exemplo de congregações tradicionais do “protestantismo histórico”, como anglicanos, luteranos, metodistas, presbiterianos, batistas). Essas igrejas foram sendo construídas ainda sob o embate com a Igreja Católica, mas, com a Proclamação da República, em 1889 e a nova Constituição, ocorreu a separação entre Igreja e Estado e a garantia de liberdade religiosa, admitindo, assim a situação de pluralismo religioso, que veio a existir mesmo dentro do protestantismo: “a fragmentação deste em diferentes grupos, muitas vezes concorrentes entre si” (PROENÇA, 2006, p. 93).

A influência dos protestantes na sociedade brasileira e latino-americana pode ser percebida na educação, na assistência social, na política, na economia, entre outras esferas. Mendonça (1995, apud BELLOTTI, 2010) afirma que, no processo de evangelização, os protestantes iam preenchendo a falta de atendimento pastoral católico pelo interior do Brasil. Desse modo, houve um crescimento do protestantismo, como o exemplo dos presbiterianos, que instalaram escolas e postos de saúde para os trabalhadores do café, associando a pregação ao atendimento das necessidades primárias do povo. Isso mostrou aos outros grupos protestantes que o evangelho reformado deveria se adaptar à cultura brasileira, e não o contrário, como pensavam os primeiros missionários e a elite liberal.

No campo educacional os protestantes históricos se destacaram, especialmente no Brasil, por sua ênfase na criação de escolas e difusão de novos métodos pedagógicos. Às vezes, a escola estava ao lado ou dentro do templo, ou mesmo, vinha antes do templo. Os pastores eram tanto professores como divulgadores de uma visão do mundo aos que não podiam ter uma educação formal. A ênfase na educação, nas missões protestantes, foi “um dos fatores que contribuíram para que as correntes liberais latino-americanas acolhessem até com entusiasmo a presença de missionários e igrejas protestantes” embora não se tornassem protestantes (ZWETSCH, 2007, p. 30).

A proposta do protestantismo era que a evangelização deveria ocorrer juntamente com o processo educacional dos convertidos. Por meio da educação os protestantes alcançaram maior penetração social. O espírito filantropo dos missionários atendia tanto ao aspecto da evangelização quanto do cuidado das necessidades sociais e educacionais. Entendiam os protestantes históricos que a ignorância não contribuía com o espírito reformador e as pessoas que se convertessem precisavam discernir entre o que se apresentava na Bíblia e o que lhes tinha sido ensinado anteriormente, para poderem participar plenamente do culto e do cântico congregacional. Assim, “a educação era exigência *sine qua non* para o estabelecimento do protestantismo” (SANTOS, 2007, p. 123).

A ênfase na religiosidade e na educação tinha outro propósito, segundo Santos (2007): a disseminação do individualismo religioso que estava imbuído de uma conotação política democrática, cujo ideal era bem visto por alguns setores da elite brasileira. A democracia somente seria possível a um povo educado, de acordo com o pensamento protestante liberal, e o protestantismo tinha o condão de oferecer suporte religioso para tanto. Por isso, segundo este autor, as escolas eram um complemento natural das igrejas.

Além da educação, o protestantismo trouxe contribuições importantes em áreas como a mídia eletrônica, imprensa, saúde e assistência social, a exemplo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inserida no universo protestante histórico, oriunda do protestantismo norte-americano, mas que adota algumas características peculiares em seu formato de crenças e práticas que diferem, em parte, dos demais ramos protestantes. Exemplo disso é a questão do sábado bíblico, que adota conforme a Escritura Sagrada, enquanto os protestantes seguem a doutrina católica da observância do domingo. Segundo Bellotti (2010), a igreja adventista teve seu marco oficial em 1863 e já em 1863 os primeiros missionários adventistas vieram para o Brasil e sul da América Latina para divulgar a mensagem da breve vinda de Cristo, ensinando um estilo de vida baseado no bem-estar físico e espiritual.

As contribuições políticas do protestantismo são recentes, sendo que alguns componentes do protestantismo têm obtido maior participação política desde a década de 1950 em diante. Alencar (2019) comenta que a interação com a sociedade e a política tem em vista transformar a realidade social e política baseando-se em princípios como justiça social, cidadania e democracia, embora nem todos os protestantes envolvidos com a política tenham o mesmo mérito.

Finalizando com Proença (2006), o campo religioso brasileiro tem apresentado uma dinâmica que aceita a convivência de movimentos ligados ao protestantismo que apresentam uma amplitude de influências, impactos e ressonâncias culturais que devem ser melhor analisadas quanto às suas contribuições e implicações para o Cristianismo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do protestantismo para o Brasil e América Latina se deu a partir de uma visão missionária institucional, cuja ação não apresentou, inicialmente, grande incentivo, resultado de conflitos com o catolicismo, mas, também, de uma percepção fraca quanto à necessidade de levar a mensagem da Reforma a outros países. Apesar disso, entre aqueles que tiveram iniciativas precoces, destacam-se dois aspectos: o formato de evangelização baseado apenas na Bíblia e a importância dada à educação, embora ainda nos moldes denominacionais.

A evangelização protestante era avessa à cultura sincrética que se instalara no Brasil e no continente latino-americano já que a Reforma combatia, também, o culto a imagens e, de forma geral, os protestantes rejeitavam o culto a Maria, o celibato clerical e a tradição litúrgica. Seus cultos eram baseados na leitura da Bíblia e na pregação da mensagem do Evangelho e os fiéis eram incentivados ao trabalho e à mudança de vida por meio da vivência na Palavra de Deus.

A educação e a evangelização, inicialmente com a venda de Bíblias e literatura bíblica e posteriormente com a criação de escolas e templos foram destacadas como os principais contributos do protestantismo no continente latino-americano, em especial no Brasil, onde as igrejas e as escolas se mesclavam entre fornecer o conhecimento secular e religioso, com a finalidade de levar a educação e a mensagem de salvação a todos os crentes. Desse modo, as igrejas protestantes históricas contribuíram para a visão mais liberalista do povo, o que, resultou em influência para a democracia e a melhoria das condições de vida da população.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, G.de. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião e Sociedade**, v. 39, n. 3, set./dez. 2019.

BELLOTTI, K.K. Pluralismo protestante na América Latina. In: SILVA, E.M.da; BELLOTTI, K.K.; CAMPOS, L.S. (Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 55-71.

BORBA, W.R.de. **A base missionária adventista do sétimo dia brasileira: sua formação, consolidação e expansão**. Tese (Doutorado em Teologia Pastoral). Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. Engenheiro Coelho, 2009.

BOTELHO, D. **Brasil o gigante adormecido**. Camanducaia, MG: Horizontes, 2005.

EKSTRÖM, B. **História da missão**. A história do movimento missionário cristão. Londrina, PR: Descoberta, 2001.

ELWELL, W.A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja**. Tradução de Chown, G. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GONZÁLEZ, J.L.; ORLANDI, C.C. **História do movimento missionário**. São Paulo: Hagnos, 2010.

HURLBUT, J.L. **História da igreja cristã**. São Paulo, SP: Betânea 2002.

KARNAL, L. Catolicismo na América Latina: período da conquista e da colonização. In: SILVA, E.M.da; BELLOTTI, K.K.; CAMPOS, L.S. (Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 17-31.

MEDEIROS, E.L. **História da igreja no Brasil**. UNIASSELVI, 2016. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=22312>. Acesso em: 10 out. 2022.

MONDRAGÓN, C. **Leudar la masa. El pensamiento social de los protestantes en América Latina: 1920-1950**. Buenos Aires: Kairós, 2005.

PROENÇA, W.deL. **Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)**. Tese (Doutorado). Assis: UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2006.

RIBEIRO, J.O. **Sincretismo religioso no Brasil: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo**. Monografia (Graduação em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 2012.

SANTOS, J.M.L. Religião e educação contribuição protestante à educação brasileira 1860-1911. **Tópico Educação**, Recife, v. 17, n.º 1-3, p. 113-151, 2007.

SILVA, A.C. da. **Fundamentação histórico-teológica da prática missionária**. 2018. Disponível em: http://faculdadebetania.com.br/revista/abril2018/1_fundamentacao_historico-

teologica.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

XAVIER, E, T. **Teologia de missão integral**. Londrina, PR: Descoberta, 2011.

ZWETSCH, R.E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. 408 f. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2007.